A construção do fundo narrativo em redações escolares: uma contribuição da abordagem funcionalista ao ensino

Autoria: Monclar Guimarães Lopes - - -

Resumo: Na educação básica, diversas são as atividades de redação que levam os alunos a redigirem diferentes gêneros narrativos. Sendo assim, espera-se que os discentes, além de se apropriarem dos gêneros discursivos dessa natureza, sejam cada vez mais hábeis na construção de sequências descritivas e narrativas, próprias ao modo de organização desses textos. Entretanto, é relativamente comum encontrarmos redações de alunos, já no ensino médio, cujos textos – inclusive os ficcionais – demonstram pouca consciência sobre a função dos diferentes planos discursivos para a construção da narratividade. Com frequência, pouco se desenvolve o plano de fundo, tão relevante à construção da ficcionalidade e da subjetividade. Para Givón (2011), por figura e fundo, entendemos as estratégias perceptuais/conceituais que refletem a forma como os humanos percebem e interpretam o universo. Sob perspectiva semelhante, Benveniste (1976) e Weinrich (1968) associam tais planos discursivos ao tempo, ao aspecto e ao modo verbal e Martelotta (1986; 1998), por sua vez, analisa tais categorias sob os traços aspectuais perfectividade [+/ – perfectivo], pontualidade [+/ – pontual], cinese [+/ – cinético] e [+/– específico] no estabelecimento dos planos discursivos da narrativa: os traços positivos estão correlacionados à figura e os negativos ao fundo. A partir desses critérios, foram analisados dez contos produzidos por alunos do 1o ano do ensino médio. A despeito de apresentarem todas as fases previstas para a narrativa, são textos relativamente pobres porque apresentam escassas construções de fundo narrativo. Com base nessas observações, este trabalho defende que o tratamento didático dos planos discursivos representa uma importante contribuição do funcionalismo linguístico para o desenvolvimento de narrativas mais elaboradas. Sob essa ótica, texto e gramática são indissociáveis, na medida em que a morfossintaxe é vista como instrumental em relação à semântica, e esta, instrumental em relação à pragmática (DIK, 1989, p. 7) e, por conseguinte, ao texto.